

## **A NATUREZA NO MUNDO VIRTUAL**

**Aluno: Bernardo Gomes Ribeiro**

**Orientador: Álvaro Ferreira**

### **Introdução**

As diversas transformações que vêm ocorrendo no espaço, em ritmos cada vez mais acelerados, acarretam uma nova conjuntura, onde o mesmo adquire características contrárias àquilo que se apresenta. A natureza, como principal elemento constituinte desse espaço, sofreu alterações gritantes no que concerne a sua acepção. Tais alterações desqualificaram a natureza para requalificá-la, resultando numa passagem aonde a natureza real veio a se tornar uma natureza virtual estando essa última em coerência com o mundo em que se encontra.

Neste mundo imerso numa objetividade, onde as informações se proliferam num ritmo vertiginoso, em que os meios virtuais se tornam cada vez mais presentes, a compreensão da natureza tem sido cada vez mais purificada. Trouxemos aquilo que estava para além da tela para o lado de cá, resta-nos agora entender essa natureza.

### **Objetivos**

Procurar entender, através de uma perspectiva mais reflexiva, a natureza intrínseca ao espaço construído, pois como nos lembra FELLUGA [1]: “À medida que continuamos a urbanizar os locais geográficos disponíveis, perdemos contato com qualquer sentido de natureza. Até os locais naturais são hoje vistos como “preservados”, o que implica a sua classificação por oposição a uma “realidade” urbana, sempre com placas para evidenciar que são “reais”. Cada vez mais, esperamos que a placa (aprecie a natureza!) preceda o acesso à natureza”.

Com esse propósito trabalharemos com os termos virtual e real, tentando demonstrar como as transformações ocorridas na estrutura e na própria concepção de mundo alteraram o nosso entendimento sobre o que é natureza. Esta perdeu o sentido de real, entre outros fatores, a partir da sua prostituição e absorção como objeto, pois como nos fala ARNOLD [2] “... o significado não é inerente aos objetos em si, mas reside fora deles, em seu relacionamento com outras estruturas”.

### **Metodologia**

O trabalho se baseia na interpretação de obras de cunho filosófico, que inclui desde as coletâneas de Willian Irwin, a filósofos como Jean Baudrillard (principal referência), além de obras de Pierre Lévy, Milton Santos e Freud.

A partir de alguns exemplos procuraremos demonstrar que através de diversas formas têm-se tentado resgatar a natureza, entretanto, nenhuma delas consegue atingir seu objetivo uma vez que deixam de trabalhar com a própria natureza para agregar valor a ela.

### **Considerações Finais**

Chegaremos, ou talvez já tenhamos chegado, ao estágio máximo da execração da natureza onde ela já nem mais pode ser simulada porque foi perdida, não há mais o conhecimento sobre sua verdadeira existência, torna-se, portanto impossível reproduzir o que não existe mais. É por isso que a todo momento tentamos reaver aquele caráter natural utilizando-se sempre de imperativos afirmativos. É preciso enaltecer o que se perdeu. É preciso autenticar o que já não está mais na ordem do natural, mas do resgate. Mas será este o caminho? Ou será mais real assumirmos nossa alienação e vivê-la?

Concluimos não conhecer mais a verdadeira natureza, uma vez que esta foi deturpada e apresentada sobre diversas formas sem nunca conseguir alcançá-la. O que temos é uma natureza transformada, operacionalizada, realizada, onde homem e natureza se encontram *formulados*, codificados, rastreados e enfim juntos.

### **Referências Bibliográficas**

[1] FELLUGA, Dino. **Matrix: paradigma do pós-modernismo ou pretensão intelectual? 1º parte in: A Pílula Vermelha: questões de ciência, filosofia e religião em Matrix**, organizado por Glenn Yeffeth. São Paulo: Publifolha, 2003. 81-95p.

[2] ARNOLD, David. **“E o resto se escreve sozinho”**: Roland Barthes assiste a **Os Simpsons in: Os Simpsons e a filosofia**, organizado por William Irwin, Mark T. Conard, Aeon J. Skoble. São Paulo: Mandras, 2004. 237-251p.